



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

10898 - Resumo Expandido - Pôster - XIV ANPED SUL (2022)

ISSN: 2595-7945

Eixo Temático 18 - Gênero, Sexualidade e Educação

**ENTRE NÍSIAS E MARIAS: O USO DE AUTOBIOGRAFIAS COMO INSTRUMENTO DIDÁTICO PARA REELABORAÇÃO DOS SILENCIAMENTOS DAS MULHERES NA HISTÓRIA.**

Beatriz Berr Elias - PUC-RS - Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul

Edla Eggert - PONTÍFICIA UNIVERSIDADE CATÓLICA

**ENTRE NÍSIAS E MARIAS: O USO DE AUTOBIOGRAFIAS COMO INSTRUMENTO DIDÁTICO PARA A REELABORAÇÃO DOS SILENCIAMENTOS DAS MULHERES NA HISTÓRIA.**

Este pôster apresenta recortes da atual pesquisa de mestrado. A questão de pesquisa é “como a partir da difusão das escritas femininas, se pode produzir um ensino de História emancipatório para as novas gerações”? O objetivo central do projeto é investigar alternativas didáticas à histórica invisibilidade historiográfica de mulheres nas aulas de História.

A primeira parte deste estudo busca estudar dois textos autobiográficos: *a)* de Nísia Floresta, “Itinerário de uma viagem à Alemanha” (1857), *e b)* de Maria Firmina dos Reis partes do diário dela intitulado, “Álbum” (1853–1901). Pretendemos colocar em evidência a importância do protagonismo das mulheres na história por meio das abordagens autobiográficas, e ainda, refletir a respeito da potência da escrita feminina; problematizando as omissões e os silenciamentos de mulheres nos processos históricos. A segunda parte do projeto é descobrir se já existem docentes na Educação Básica que trabalham autoras mulheres nas aulas de história e realizar entrevistas com elas (ou eles) sobre as implicações de buscar visibilizar essas personagens históricas.

O incentivo à difusão dos protagonismos femininos na História, é capaz de evidenciar identidades femininas exemplares a fim de produzir na sala de aula um sentimento de representatividade e empoderamento. E, sobretudo, a interlocução desses elementos nos permite refletir acerca da falta de representações do feminino na História e seus impactos na

produção de identidades históricas androcêntricas. Michelle Perrot (1998, p.9) aponta que as mulheres têm sido "sombras tênues" na representação que a historiografia tradicional sistematizou ao longo dos tempos.

Além do estudo sobre as autobiografias escrito pelas duas pensadoras, a pesquisa será documental com análise dos textos, "Itinerário de uma viagem à Alemanha" (1857) de Nísia Floresta, e "Álbum" (1853 -1901) de Maria Firmina dos Reis. As autobiografias associadas a memórias femininas servirão de subsídio para analisar com as professoras(es) possibilidades didáticas em atividades na sala de aula. Na sequência buscaremos analisar atividades e planos de aula produzidos por educadoras que tenham feito esse movimento de visibilizar a historiografia de mulheres no ensino básico. Associado a esses diálogos junto com as professoras(es), que suspeitamos será de no máximo três docentes, realizaremos entrevistas semiestruturadas seguindo orientações com base em Menga Lüdke e Marli André. A história oral (Queiroz, 1988; Thompson, 1992) é importante, assim como os estudos feministas como suporte teórico-metodológico. Daphne Patai (2010) nos desafia a pensar aspectos das duas propostas junto aos nossos estudos.

Essa pesquisa fundamenta-se nos estudos de história das mulheres e gênero, baseada em autoras(es) como: Michelle Perrot (1998), Nísia Floresta, Maria Firmina dos Reis, Heleith Safioti, cujas obras foram fundamentais para a compreensão do tema em tela. Nesse resumo expandido, faremos um breve histórico sobre como os estudos sobre o patriarcado, o androcentrismo, e suas reverberações até a História das Mulheres e os estudos de gênero contribuem para o silenciamento do estudo e ensino didático da produção do conhecimento das mulheres ao longo da história.

As obras autobiográficas de Nísia Floresta "Itinerário de uma viagem à Alemanha" (1857) e "Álbum" (1853 – 1901) de Maria Firmina dos Reis foram escolhidas como fonte de pesquisa, pois elas expõem a potência da escrita feminina, sobretudo, ao serem relacionadas com a História Oral evidenciam um protagonismo feminino disruptivo com a lógica de uma História Positivista. Michelle Perrot em sua obra "As mulheres ou silêncios da história" (1998) ressalta o silêncio das fontes:

No início era o Verbo, mas o Verbo era Deus, e Homem. O silêncio é o comum das mulheres. Ele convém à sua posição secundária e subordinada. [...] O silêncio é um mandamento reiterado através dos séculos pelas religiões, pelos sistemas políticos e pelos manuais de comportamento. (Perrot, 1998, p. 9)

As obras de Nísia Floresta e Maria Firmina dos Reis, ocupam um espaço de difusão de vozes subalternas e ampliam as possibilidades para a convocação a mais escritas femininas. Além disso, nos permitem questionar a visão androcêntrica da História que reduz a humanidade à categoria homem. E nessa perspectiva, a História das Mulheres reivindica uma categoria "mulher/mulheres" como identidade política, e como forma de afirmar a existência e resistência coletiva das mulheres diante do patriarcado, como aponta Roberta

Alexandrina da Silva (2010, p. 42). Autoras como Michelle Perrot em suas grandes obras *Os excluídos da história* (1998) *As mulheres, ou o silêncio da história* (2005) e *Minha História das Mulheres* (2008) e Mary Del Priori em sua obra *A Mulher na História do Brasil* (1988) passam a reivindicar a memória feminina e denunciar a exclusão delas da História Ocidental.

Constrói-se, dessa forma, um processo de reformulação de identidades femininas, resgate e releituras de memórias que foram aglutinadas pela memória dominante masculina. Por muito tempo o registro, a memória, e as contribuições das mulheres ao longo da História foram cooptados por uma produção historiográfica oficial. Assim tudo que estivesse relacionado a vivência delas constituiu-se como memórias subterrâneas. Michael Pollak aponta que quando essas memórias subterrâneas conseguem romper, passam a ocupar o espaço público com reivindicações múltiplas passando a ocupar um local de disputa pela memória (1989, p. 3). Assim podemos perceber o movimento proposto, sobretudo, pelos estudos feministas e de gênero ao nomear essas violências exercidas pelo patriarcado, e questionar os silenciamentos impostos pelo androcentrismo. Os estudos feministas e de gênero trazem à cena política essas memórias e permitem que se construam outras narrativas acerca do passado histórico.

A partir da década de 1970 outros estudos feministas passaram a ampliar ainda mais esse campo de pesquisa. Sobretudo, após a obra de Simone de Beauvoir, *O Segundo Sexo* (1949) que trouxe a ilustre ideia de que “não se nasce mulher, torna-se mulher.”. Disso vimos emergir com bastante intensidade os estudos de gênero como categoria analítica. A articulação dessa categoria apareceu na obra de Joan Scott (1990) “Gênero: uma categoria útil para a análise histórica.” que anunciava o caráter cultural e construído do sexo. Além de Simone de Beauvoir (1949), Heleieth Saffioti (1979), Joan Scott (1995) outras(os) autoras(es) se debruçaram sobre esse campo e ampliaram cada vez mais a ótica de investigação.

Heleieth Saffioti foi precursora nos debates sobre as mulheres no Brasil e, sobretudo, ousou articular os aspectos de análise das condições de vida das mulheres com os recortes de classe e raça, baseando-se nos estudos da teoria marxista. A sua principal obra, “A mulher na sociedade de classes: mito e realidade” (1976) articula os aspectos estruturais de ordem capitalista que engendram as desigualdades de gênero e mantém as mulheres brasileiras em uma condição subalterna.

Além dos estudos feministas e de gênero e da história oral, como já sinalizamos no item “método”, buscaremos na história cultural e na educação crítica, aspectos fundadores para o exercício interpretativo. Em Bell Hooks (2013), encontramos o diálogo com Paulo Freire (1987). E em Claudia Korol (2007), Raquel Soihet (1992) e Circe Maria Fernandes Bittencourt (1993) vinculamos a importância dos estudos feministas e de gênero para a pesquisa e para o ensino de história.

Circe Maria Fernandes Bittencourt destacou em sua obra “Os confrontos de uma disciplina escolar: da história sagrada à história profana” (1993) o caráter excludente do

ensino de História no Brasil desde sua constituição enquanto disciplina escolar que baseou-se em uma narrativa de um passado heroico marcado por homens brancos que teriam sido responsáveis pela prosperidade da nação brasileira e, segundo Lucila Nascimento,:

(...) o ideário de boa pátria era composta por homens, brancos, ocidentais, cristãos e seus feitos. [...] Os programas de ensino direcionavam a prática pedagógica para festas em datas comemorativas, alusivas aos heróis da pátria, e os símbolos nacionais eram idolatrados com o objetivo de imprimir uma memória histórica. (NASCIMENTO, 2019, p. 36)

É possível reunir a essa análise, a reflexão de Mary Del Priore (1988) que aponta sobre as representações femininas ao longo da História que foram cuidadosamente demarcadas pelos historiadores homens. Segundo Priore, as mulheres ficaram na invisibilidade e geralmente cindidas entre, a mulher da elite representante do modelo moral ideal, enquanto para a mulher pobre (e podemos pensar aqui na questão étnico-racial) resta a moral indolente.

Esse projeto está no início e, portanto, busca compartilhar os primeiros fios para a costura da peça. É uma pesquisa em consonância com os processos de releituras de representações e valorização de mulheres, bem como, de reconhecimento e difusão da escrita feminina junto ao ensino de História.

**PALAVRAS-CHAVE:** Educação Escolar. Escritas Femininas. Autobiografias.

## REFERÊNCIAS

- BITTENCOURT, Circe Maria F. **Os confrontos de uma disciplina escolar: da história sagrada à história profana.** São Paulo: USP, 1993.
- FLORESTA, Nísia. O opúsculo humanitário. Introdução e notas de Peggy Sharpe-Valadares. São Paulo: Cortez, 1989.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido.** 36 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.
- REIS, Maria F. **A escrava.** 1. ed. Rio de Janeiro: Itapuca, 2020. E-book. Disponível em: [https://www.google.com.br/books/edition/A\\_Escrava\\_conto\\_original/DuL8DwAAQBAJ?hl=pt-BR&gbpv=1&printsec=frontcover](https://www.google.com.br/books/edition/A_Escrava_conto_original/DuL8DwAAQBAJ?hl=pt-BR&gbpv=1&printsec=frontcover). Acesso em: 03 Maio de 2022.
- HOOKS, Bell et al. Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade. **São Paulo: WMF Martins Fontes**, 2013.
- KOROL, Claudia. **Hacia una pedagogía feminista: géneros y educación popular.** Buenos Aires: Editorial El Colectivo: América Libre, 2007.
- LÜDKE, Menga; ANDRÉ, Marli E.D.A. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas.** São Paulo: EPU, 1986.
- NASCIMENTO, Lucila Barbalho. **"É o poder, o mundo é de quem faz":** uma reflexão sobre o androcentrismo no ensino de História. 2019. 92f. Dissertação (Mestrado Profissional em Ensino de História - Profhistoria) - Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2019.
- PATAI, Daphne. **História Oral, feminismo e política.** São Paulo: Letra e Voz, 2010.
- PERROT, Michelle. Práticas da memória feminina. **Revista brasileira de história**, v. 9, n. 18, p. 9-18, 1989.
- PERROT, Michelle. Os excluídos da história: operários, mulheres e prisioneiros. Editora Paz e Terra, 2017.
- PERROT, Michelle. As mulheres ou os silêncios da história. In: **As mulheres ou os silêncios da história.** 2011.
- PRIORE, Mary Del. **A Mulher na História do Brasil.** São Paulo: Contexto, 1988.
- QUEIROZ. M.I.P. **Relatos Oraís:** do "indizível ao "dizível". In: SIMSON. O.M.V de

(org.), Experimentos com histórias de vida. Itália-Brasil. São Paulo: Vértice, Editora Revista dos Tribunais, 1988.

SAFFIOTI, Heleieth Iara Bongiovani. **A mulher na sociedade de classes: mito e realidade.** Vozes, 1976.

SCOTT, Joan. **Gênero: uma categoria útil de análise histórica.** **Educação & realidade**, v. 20, n. 2, 1995.

SOIHET, Rachel; PEDRO, Joana Maria. **A emergência da pesquisa da História das Mulheres e das Relações de Gênero.** Revista Brasileira de História, v. 27, p. 281-300, 2007.

THOMPSON, Paul. **História oral: a voz do passado.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, v. 388, p. 229, 1992.

WUESNCH, A. **Acerca da Existência de Pensadoras no Brasil e na América Latina.**In: Problemata: Revista Internacional de Filosofia, No. Especial, 2015, pp.113-150